

Caderno de Resumos da JOPELIT	Catalão	UFG	v. 1 n. 1	p. 01-06	2013	ISSN 2318-9789
-------------------------------	---------	-----	--------------	----------	------	----------------

A HETEROTOPIA DO CEMITÉRIO NO ROMANCE *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Ana Carla Carneiro Rio¹

1 ESPAÇO E LUGARES NO ROMANCE

O cemitério é certamente um lugar diferente em relação aos espaços culturais habituais, é um espaço que está, no entanto, em ligação com o conjunto de todos os posicionamentos da cidade ou da sociedade ou do campo. (FOUCAULT, 2006, p.417).

A proposta deste trabalho está baseada na reflexão dos espaços no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, com foco no Cemitério. O livro é composto por um prólogo, vinte capítulos (no qual o espaço do cemitério ocupa o XIII capítulo, intitulado “O cemitério de Santa Cruz”), e um epílogo. O trabalho terá como aporte teórico a toponímia em Borges Filho (2007) e Bachelard (1993), bem como o conceito de heterotopia proposto por Michel Foucault (2006) in *Ditos e Escritos III*, na conferência “*Outros espaços*”. O espaço do cemitério será relacionado como um espaço heterotópico, pois, segundo Foucault é um lugar real, está presente em várias culturas, porém, desassossegada e inquieta.

O romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, foi publicado em 1859 no século XIX, e retrata os modos da sociedade colonial e oitocentista maranhense. A descrição dos espaços na obra não fica restrita apenas na relação das personagens com suas próprias intimidades, mas abarca as ações que ocorrem durante a narrativa. As principais temáticas abordadas no romance, são em relação aos maus tratos em que

¹ Licenciada em Letras (Português-Literatura) pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA-CESI Centro de Estudos Superiores de Imperatriz, e Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás- Campus Catalão.

Caderno de Resumos da JOPELIT	Catalão	UFG	v. 1 n. 1	p. 01-06	2013	ISSN 2318-9789
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

viviam os negros, e as condições de submissão em que estavam submetidas as mulheres, pois, a sociedade era escravagista e patriarcal.

O romance pertence ao romantismo literário, portanto, passa pela riqueza das descrições, seja numa visão ufânica da natureza local, onde o narrador demonstra forte sentimento de brasilidade, seja na descrição de espaços outros, como é o caso deste trabalho, que analisará o espaço do cemitério.

O romance é um típico produto da época do romantismo. Desse modo, as personagens estão apaixonadas, porém os amores são infelizes e com final trágico. Os espaços marcam o lugar de “teatralização” de várias questões que ocorriam na sociedade oitocentista maranhense, era um momento pós-independência e que se iniciava a construção de uma sociedade mais livre e com preceitos republicanos. Esse sonho dos românticos de construir uma nação brasileira implica na descrição do que fosse verdadeiramente brasileiro, como por exemplo, a preocupação com a paisagem.

São vastos e belos os nossos campos. Porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma- branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos que mudamente se afagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem- os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito. (REIS, 2009, p.15)

Essa descrição pertence ao primeiro parágrafo e capítulo do romance, intitulado como “Duas almas generosas”, a visão do narrador é ufanista, amorosa e complacente com a paisagem. Quando a heroína “Úrsula” quer repousar das fadigas do trabalho e dos cuidados com sua mãe enferma, ela sempre se refugia no seio dessa natureza, onde ela se esconde e encontra abrigo.

2 A HETEROTOPIA NA “ÚLTIMA MORADA DO HOMEM”

Estudar o espaço do cemitério significa estudar parte da história de uma sociedade, as hierarquias sociais, políticas e religiosas, ou seja, significa estudar o cotidiano de uma sociedade. O espaço do cemitério no romance será trabalhado a partir

Caderno de Resumos da JOPELIT	Catalão	UFG	v. 1 n. 1	p. 01-06	2013	ISSN 2318-9789
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

do conceito de heterotopia, proposto na conferência “*Outros espaços*”, por Michel Foucault em 1984.

Para criar o conceito de heterotopia, Foucault usou o conceito de utopia, que para ele é um espaço que não apresenta lugar real, ou seja, é um lugar onde ocorre o desejo da sociedade aperfeiçoada. Por heterotopia, entende-se como um lugar real que se encontram no interior de uma cultura, espaços que são diferentes de todos os outros. “Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopia”(FOUCAULT, 2006, p. 415). Portanto, para este trabalho busca-se refletir sobre a heterotopia através do espaço do “Cemitério de Santa Cruz” no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, analisando tal espaço como heterotópicos, por considerar um espaço divergente dos espaços culturais comuns.

Para Foucault (2006), tanto as heterotopias como as utopias são posicionamentos espaciais que definem o homem em uma relação mútua com a sociedade. Na conferência “Outros espaços”, Foucault destacou que não existem culturas em todo o mundo que não sejam constituídas de heterotopias.

Cada indivíduo, cada família tem parentes no cemitério. Na cultura ocidental, o cemitério praticamente sempre existiu. Mas sofreu mutações importantes. Até o fim do século XVIII, o cemitério estava situado no próprio centro da cidade, ao lado da igreja. Ali existia sempre uma hierarquia de sepulturas possíveis.(FOUCAULT, 2006, p.417)

O cemitério corresponde a um espaço de memória da sociedade. É ainda uma forma de relacionamento entre os vivos com os seus mortos. Segundo Airés (1989), foi no século XVII na França, que surgiram os primeiros cemitérios. A influência europeia do espaço do cemitério foi trazida para o Brasil, mas foi somente no século XIX que cada pessoa teve direito a um espaço no cemitério. O espaço de pessoas com melhores condições sociais no cemitério correspondiam aquelas que ficavam enterradas nas igrejas, e os lugares no chão do cemitério eram distribuídos em acordo com as classes sociais.

Segundo Reis (1991), no nordeste do Brasil, o primeiro cemitério foi construído em 1836 no estado da Bahia, mas não era um cemitério que atendesse os desejos da

Caderno de Resumos da JOPELIT	Catalão	UFG	v. 1 n. 1	p. 01-06	2013	ISSN 2318-9789
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

corde. Somente na década de 50, no século XIX em Pernambuco, foi construído o primeiro cemitério que atendia todas as necessidades da província, haja visto, a imitação dos modos privilegiados europeus, o cemitério “Campo Santo de Santo Amaro”, era um espaço onde as pessoas passeavam e um lugar que suscitava entretenimento, assim como o cemitério “*Père-Lachaise*”, em Paris na França que foi construído no século XIX, e atualmente é um dos lugares de maior visitação na capital francesa por possuir muitas pessoas de fama enterradas lá.

3 O CEMITÉRIO DE SANTA CRUZ

O espaço de sepultamento no romance *Úrsula*, é um lugar onde o herói e heroína encontram abrigo. Perseguidos por Fernando P..., tio de Úrsula, o cemitério não só é um espaço de meditação, mas também espaço de refúgio. O narrador ao iniciar a descrição da atmosfera do espaço, traduz componentes que servem de cenário ao desenrolar da ação e a movimentação das personagens. Esse espaço tem como funções principais as ações das personagens e, estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelas personagens.

Era uma dessas tardes, que parecem resumir em si quanto de belo, de luxuriante, e de poético ostenta o firmamento no Equador; era uma dessas tardes que só Bernadin de Saint-Pierre soube pintar no delicioso Paulo e Virgínia, que deleita a alma, e a transporta a essas regiões aéreas, que só a imaginação compreende, e que divinizando as nossas ideias, nos torna superiores a nós mesmos.[...] Silencioso e ermo estava então o cemitério de Santa Cruz, e só no vento, que silava entre o arvoredor ao longe, e que mais brandamente gemia tristemente nessa cidade da morte, é que quebrava a solidão monótona e imponente desse lugar do esquecimento eterno. (REIS, 2009. p. 153-154)

Para Foucault(2006), o cemitério é um espaço que está ligado com outros lugares da cidade, pois, cada indivíduo e cada família tem alguém no cemitério. O cemitério de Santa Cruz é um espaço que aparece como simples, haja visto, que é um cemitério no século XIX da sociedade oitocentista maranhense, e o narrador descreve

Caderno de Resumos da JOPELIT	Catalão	UFG	v. 1 n. 1	p. 01-06	2013	ISSN 2318-9789
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

como um lugar silencioso, lugar onde se guardam os segredos do morto, e o lugar que consistia no único elo entre Úrsula e sua mãe.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a heterotopia do cemitério no romance “*Úrsula*”, de Maria Firmina dos Reis, propicia um entendimento mais amplo do espaço literário, pois, a abordagem do espaço não fica apenas física e sem movimento. Isso pode ser observado nas descrições que o narrador faz a respeito do cemitério como: “cidade da morte”, “lugar do esquecimento eterno”, “última morada do homem” e “espaço onde se guarda todos os segredos do morto”. O conceito foucaultiano de heterotopia, figura movimento ao espaço literário, pois, os espaços são reais, portanto inquietam e desassossegam refletindo em inúmeras realidades possíveis.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura: introdução à Topoanálise**. São Paulo: Riberão Gráfica e Editora, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Outros espaços**. In: Ditos e Escritos III-Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema. -2. ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P. 411-422.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Caderno de Resumos da JOPELIT	Catalão	UFG	v. 1 n. 1	p. 01-06	2013	ISSN 2318-9789
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas,2009.

TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo:UNESP,2005.